

EXCLUSIVO ECONOMIA

## A crise não é igual para todas as empresas: umas apostam na inovação, outras vão cortar custos. É a chamada recuperação em 'K'

29.10.2020 às 12h02



Estudo da Altran inquiriu 250 grandes empresas em Portugal sobre as prioridades para 2021. Aposta na inovação surge na primeira posição. Mas, sectores no olho do furacão, como o retalho, a aeronáutica e os transportes dão primazia à redução de custos, ilustrando o que pode ser uma retoma em K da economia, em que alguns sectores recuperam e outros ficam para trás



SÓNIA M. LOURENÇO



CARLOS ESTEVES



A teleconsulta com imagem é uma ferramenta de proximidade que pode quebrar barreiras.

Ao contrário do que aconteceu na última crise, quando o principal foco das empresas passou pela redução de custos, agora "a principal prioridade das empresas é a aposta na inovação. É uma boa notícia e foi uma surpresa, até para nós". É desta forma que Bruno Casadinho, administrador executivo da Altran Portugal - empresa de serviços de engenharia e de investigação & desenvolvimento do grupo Caggemini - comenta ao Expresso, em primeira-mão, os resultados de um estudo, que auscultou 250 empresas em Portugal, sobretudo de grande dimensão, em mais de 10 sectores de atividade, sobre as suas principais prioridades para 2021.

Contudo, uma análise desagregada dos resultados mostra profundas diferenças entre sectores de atividade. Se nalguns a prioridade dada à inovação é muito vincada, noutros, fica secundarizada face à primazia dada ao corte de custos. É o caso dos sectores mais afetados pela pandemia, como o retalho, a aeronáutica e os transportes.

Este estudo aponta, assim, os riscos de uma recuperação da economia portuguesa em K. Ou seja, em que alguns sectores recuperam rapidamente, mas outros ficam para trás, com uma recuperação fraca, ou continuando mesmo a cair.

Numa altura em que a pandemia de Covid-19 arrastou a economia nacional para uma recessão sem precedentes, a ideia deste estudo da Altran Portugal "foi fazer uma análise de sentimento, para perceber

Altran Portugal realizou uma análise de sentimento, para perceber como os líderes das empresas portuguesas estão a olhar para 2021", explica Bruno Casadinho.

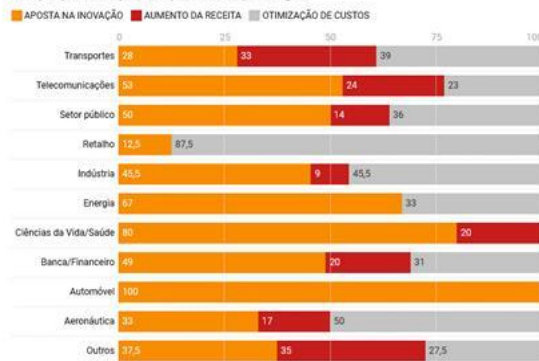
E os resultados globais indicam que 47% das empresas identificam a aposta na inovação como a sua principal prioridade para o próximo ano. Já a otimização de custos está no topo da lista para 31% das empresas e o aumento das receitas é a principal prioridade para outros 22%.

Explicação? "O contexto desta crise é muito diferente do que aconteceu na altura do resgate internacional a Portugal, logo, a forma de reagir das empresas é também diferente", considera Bruno Casadinho. Mas lembra, também, "o caminho de aposta nas exportações dos líderes empresariais" em Portugal desde então, bem como "a afiniação tecnológica do país", em que a Web Summit ajudou.

Contudo, há profundas assimetrias sectoriais. A crise provocada pela pandemia de Covid-19 esta a afetar de forma muito diferente os vários sectores de atividade e isso reflete-se, com clareza, nas principais prioridades apontadas para 2021.

### SECTORES MAIS AFETADOS PELA CRISE ESTÃO CONCENTRADOS NA REDUÇÃO DE CUSTOS

Principais prioridades para 2021 por sector, em percentagem



O estudo analisa as respostas de 250 empresas, sobretudo de grande dimensão, em mais de 10 sectores de atividade. Fonte: Estudo "2021 Business Priorities", de Altran - Criado com Datawrapper

Assim, se há sectores onde a aposta na inovação como principal prioridade para o próximo ano é esmagadora entre as empresas auscultadas, noutros, que estão no olho do furacão da crise - a primazia é dada à redução de custos.

No primeiro caso estão sectores como a indústria automóvel (área da produção), onde 100% das empresas apontam a inovação como a principal prioridade para o próximo ano. Também de destacam o sector das ciências da vida/saúde, com 80%, e o sector da Energia, com 67%.

As razões são diversas. No caso do sector automóvel e do sector da energia "antes da pandemia, provavelmente, já seria esta a resposta", nota Bruno Casadinho. E lembra que a indústria automóvel "está em profunda transformação, com os automóveis a transformarem-se num conjunto de componentes de software sobre rodas, bem como a passagem para a eletrificação em detrimento dos combustíveis fósseis".

Ao mesmo tempo, o sector da energia está "num caminho de descarbonização e produção de energia de fontes sustentáveis", aponta Bruno Casadinho, apontando ainda a necessidade de as empresas "trazerem inteligência para as redes de distribuição, que traga valor acrescentado a um serviço que, por si só, é uma commodity".

Já na saúde e ciências da vida, a aposta na inovação está diretamente relacionada com a pandemia. O responsável da Altran lembra a 'corrida' a vacinas e tratamentos para a covid-19 na indústria farmacêutica, bem como, nos cuidados de saúde, a telemedicina e a monitorização remota de pacientes. "neste contexto, não houve alternativa a este caminho", frisa, apontando que "levanta desafios do ponto de vista da regulamentação e de proteção de dados clínicos dos pacientes".

Mas, também nas telecomunicações - um dos sectores 'vencedores'

mas, também nas telecomunicações - um dos sectores menos afetados da crise, fruto de tendências como o reforço do teletrabalho e o aumento das conexões remotas -, no sector público (entidades públicas não empresariais), e na banca/sector financeiro, a aposta na inovação foi a principal prioridade apontada pelas empresas auscultadas no estudo para 2021.

Um prioridade que sinaliza que há boas perspectivas de retoma.

Situação bem diferente vive-se em sectores como o retalho, a aeronáutica (que abrange as companhias aéreas), ou os transportes, onde o corte de custos é rei. Nestes sectores, a otimização de custos foi a principal prioridade apontada pelas empresas, chegando aos 87,5% no caso do retalho, e atingindo 50% na aeronáutica e 39% nos transportes. Nota ainda para a indústria, onde 45,5% das empresas apontou a redução de custos como principal prioridade, embora, aqui, essa percentagem seja igual às que identificaram a aposta na inovação.

Sem surpresas são os sectores que estão no olho do furacão da crise que dão primazia à redução de custos. Retalho, aeronáutica e transportes são dos sectores mais afetados pelas medidas de distanciamento social impostas para combater a pandemia, tendo sofrido as maiores quebras de faturação. Estão, também, entre os sectores com perspectivas mais complicadas de retoma da procura e que arriscam ficar para trás, dando origem à referida recuperação em K.

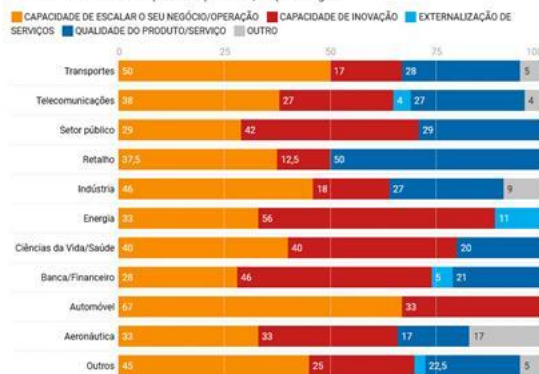
"Se não há pessoas a deslocar-se, se não há pessoas na rua, não há alternativa. É preciso reduzir os custos fixos para sobreviver e equilibrar a operação", vinca Bruno Casadinho, lembrando que são sectores muito dependentes da evolução da pandemia. E frisa: "O que vai ditar a sua evolução é o comportamento das pessoas".

A pandemia não é, contudo, uma sentença final. "Alguns negócios vão transformar-se, passando para canais digitais em vez de físicos", destaca Bruno Casadinho.

Estar presente e crescer nos canais digitais, uma das grandes tendências na sequência da pandemia, é precisamente o factor crítico de sucesso mais apontado pelas empresas auscultadas neste estudo para 2021.

### ESCALAR O NEGÓCIO PARA PLATAFORMAS DIGITAIS É O PRINCIPAL FATOR CRÍTICO

Factores críticos de sucesso para 2021 por sector, em percentagem



O estudo analisa as respostas de 250 empresas, sobretudo de grande dimensão, em mais de 10 sectores de atividade. Fonte: Estudo "2021 Business Priorities", da Altran - Criado com Datawrapper

A capacidade de escalar os seus negócios ou operações foi apontado por 38% das empresas como o principal factor crítico de sucesso para o próximo ano. "O foco a curto prazo vai ser conseguir escalar os modelos de negócios atuais, provavelmente acelerando sem paralelo programas de transformação digital que as empresas tinham em curso", destaca Bruno Casadinho. O que passa "pelas plataformas digitais, onde agora estão muito mais consumidores, na sequência da pandemia", vinca. Uma tendência que é transversal entre sectores de atividade.

O responsável da Altran dá o exemplo da banca de retalho tradicional: "durante anos os bancos tentaram incentivar os clientes a aderir aos canais digitais, o que lhes permitia fechar balcões e reduzir custos. mas, agora, são os clientes que exigem que os produtos e serviços estejam nos canais digitais, com toda a disponibilidade, segurança e fiabilidade".



disponibilidade, segurança e mobilidade".

Tendo em conta os resultados deste estudo, Bruno Casadinho deixa uma pista para as empresas e organizações: "Seguindo a resposta inovação como forma de o país enfrentar esta crise, vamos precisar de tecnologia para nos ajudar". Aliás, "já está a ajudar", frisa, lembrando o exemplo das tecnologias de conexão remota. Uma tendência que "gera uma pressão adicional na procura de talento".

E aconselha: "Estamos numa altura em que a tecnologia é tanta e tão diversa, a oferta é tão grande - 5G, machine learning, realidade virtual, realidade aumentada, capacidade de antever o que os consumidores querem - que o segredo será como usar de forma correta, ágil no curto prazo essa tecnologia".

No fundo, "selecionar a tecnologia e otimizá-la para o seu negócio, sendo que a estratégia das organizações deve ter uma componente de curto prazo, mas sem esquecer o longo prazo, para que as estratégias a implementar sejam sustentáveis", remata Bruno Casadinho.